

A “BOA COMBINAÇÃO” ENTRE GÊNERO E SOCIOLOGIA ECONÔMICA: UMA (RE)LEITURA DOS MERCADOS INSPIRADA EM VIVIANA ZELIZER

THE "GOOD MATCH" BETWEEN GENDER AND ECONOMIC SOCIOLOGY: A (RE) READING OF THE MARKETS INSPIRED BY VIVIANA ZELIZER

Maria Chaves Jardim¹
Lucas Flôres Vasques²

RESUMO

A sociologia econômica, após a década de 1990, tem se aberto para novas frentes de investigação, sendo uma delas o gênero. Apesar dessa abertura, Richard Swedberg afirmou, em artigo de 2004, que havia uma ‘lacuna’ histórica no tratamento dos temas de gênero em sociologia econômica. Essa tese foi corroborada na ocasião por Viviana Zelizer, para quem a Sociologia dos fenômenos econômicos tem centrado seu escopo de análise em temas institucionais, excluindo qualquer análise de gênero. Em diálogo com essas teses, o artigo busca um primeiro mapeamento sobre os estudos recentes feitos por sociólogos da economia no Brasil, os quais tocam na questão de gênero. A metodologia aplicada foi o levantamento lexicográfico na base de dados da *SciELO* entre 1997-2019, por meio do termo “sociologia econômica”. Os resultados indicam a centralidade de Zelizer nesta agenda de pesquisa e um avanço considerável no tema; contudo, quando relacionado com os temas de pesquisa mais *mainstream*, a temática gênero continua como um tema não convencional.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Sociologia Econômica, Viviana Zelizer, Mercado.

ABSTRACT

After the 1990s, Economic Sociology has opened up to new fronts of research, one of them being gender. Despite this openness, Richard Swedberg stated in a 2004 article that there was a historical ‘gap’ in the treatment of gender issues in Economic Sociology. This thesis was corroborated at the time by Viviana Zelizer, for whom the

¹ Professora livre-docente do Departamento de Ciências Sociais da UNESP de Araraquara. Líder do NESPOM (Núcleo de Pesquisa sobre emoções, sociedade, poder, organização e mercado). Atualmente desenvolve uma agenda de pesquisa sobre mercado e afeto, financiada pela FAPESP (Processo: 17/19546). E-mail: nespom.oficial@gmail.com.

² Graduando em Ciências Sociais pela UNESP de Araraquara. Membro-pesquisador do NESPOM (Núcleo de Pesquisa sobre emoções, sociedade, poder, organização e mercado). Atualmente desenvolve pesquisa intitulada “As mulheres executivas e suas emoções na *doxa* empresarial: uma análise a partir da Sociologia Econômica” sobre financiamento da FAPESP (Processo: 2017/09805-2). E-mail: lucasvasques2009@gmail.com

Sociology of economic phenomena has focused its scope of analysis on institutional issues, excluding any analysis of gender. In dialogue with these theses, the article seeks a primary mapping of the recent studies by economic sociologists in Brazil, which touch on the gender issue. The methodology applied was the lexicographic survey in the SciELO database between 1997-2019, through the term "economic sociology". The results indicate the centrality of Zelizer in this research agenda and a considerable advance in the theme; however, when related to the mainstream research themes, the gender theme remains a non- conventional topic.

KEYWORDS: Gender, Economic Sociology, Viviana Zelizer, Market.

INTRODUÇÃO

Há quinze anos, Richard Swedberg (2004) afirmou existir uma lacuna entre sociologia econômica e gênero. Na ocasião, o autor acrescentou que a sociologia econômica não tem prestado a devida atenção às questões de gênero e, por vezes, tende a desenvolver suas análises como se a dimensão de gênero não tivesse tanta importância. Uma das razões apontadas pelo autor, seria a presença majoritariamente masculina na disciplina, sobretudo aquela produzida nos Estados Unidos. Viviana Zelizer (2002) concorda com a assertiva, já que a sociologia econômica estaria discutindo apenas temas institucionais, em homologia com a ciência econômica mais tradicional. Assim, a autora defende que o desinteresse por gênero teria a ver com os modos de pensar, também bastante difundidos entre os economistas – e, no geral, os ‘economistas puros’ têm demonstrado pouco interesse pelo fator gênero, considerando o gênero apenas como um atributo individual e pessoal dos indivíduos (ZELIZER, 2002).

Naquele artigo de 2004, Swedberg conclui que independentemente da razão, gênero *versus* economia é o tipo de correlação com potencial de se tornar uma área central em sociologia econômica, e será preciso muito trabalho a respeito disso; por fim, o autor reivindica dos sociólogos da economia uma tomada de posição em relação ao tema.

Tal argumento é retomado no livro *The Handbook of Economic Sociology* (2005) de organização dos sociólogos Neil Smelser e Richard Swedberg, em capítulo intitulado *Gender And Economy*, de autoria de Paula England e Nancy Folbre, no qual tais autoras igualmente tecem críticas à sociologia econômica pela ausência dos temas ligados ao

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

gênero. Segundo as autoras (2005, p. 627, tradução nossa), a disciplina tem esgotado temas ligados a “(1) redes sociais, (2) cultura, normas e instituições, e (3) críticas à economia neoclássica”. Afirmam (Ibidem), também, que os sociólogos da economia preferem integrar a visão da escolha racional, com as abordagens em redes e instituições, em vez de rejeitar a visão econômica.

Apesar da lacuna destacada pelos autores acima, lembramos que a questão de gênero já estava presente em alguns clássicos da sociologia, com destaque para Simmel (1971,1983) e Veblen (1898).

Simmel (1971, 1983) afirma que o fluxo cultural da modernidade tem características masculinas, não somente porque a produção da cultura objetiva é primordialmente efetuada por pessoas do sexo masculino, mas porque a cultura subjetiva extraiu, para sua composição, traços desta forma masculina de produção, fragmentada e especializada; em contraponto, devido a uma facilidade para falar de si mesma – para si mesma e para o outro – a mulher teria contato com a esfera interior (subjetiva), não dando espaço para a fragmentação e a especificidade, traços específicos da cultura moderna. Como desdobramento, o trabalho doméstico, delegado às mulheres, seria o oposto da cultura objetiva, já que nele o processo de objetivação e especificidade seria mais fluido. O autor conclui que a contribuição da mulher para a modernidade se daria com a incorporação na cultura objetiva desse olhar complexo sobre a vida social, no qual o individualismo teria a função de nutrir as relações, não a separação.

Por sua vez, Veblen (1898), autor reconhecido duplamente como sociólogo e economista, destacou o papel das mulheres em diversas obras, mesmo que em nenhuma o feminino tenha sido tema central. De maneira geral, Veblen (1898, p. 89) destacou as instituições como “hábitos mentais, que seriam métodos habituais de dar continuação ao modo de vida da comunidade em contato com o ambiente material no qual ela vive”. Portanto, trata-se *de ser e de fazer*, que se materializariam em instituições. Para o autor, as instituições integrariam o tecido social, alimentando-se das ações e decisões dos sujeitos e, ao mesmo tempo, transformando-as ao longo do tempo (VEBLEN, (1898).

A contribuição do Veblen é importante nesse artigo, pois, graças ao seu texto seminal de 1898, *Why is Economics not an Evolutionary Science* – no qual defende uma ciência econômica que reconheça o processo evolutivo das instituições –, passou a ser A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

considerado o pai da economia institucional, influenciando diversas gerações de economistas institucionalistas e de sociólogos da economia.

Nesse sentido, buscando dialogar com a indagação trazida por Richard Swedberg, o objetivo deste artigo é mapear, quinze anos depois do seu texto, qual o real investimento da sociologia econômica produzida no Brasil no tema de gênero. Queremos identificar quais as principais referências teóricas e como os sociólogos da economia têm mobilizado o tema. Acreditamos que estas produções, aparentemente dispersas, quando reunidas, podem oferecer um interessante quadro da relação entre pesquisa em gênero e sociologia econômica.

Como o tema gênero recebe a devida atenção na sociologia do trabalho e também em alguns economistas e demógrafos, criamos uma metodologia que busque mensurar a contribuição de autores restritos ao subcampo da sociologia econômica. Nesse sentido, nossa metodologia de pesquisa constituiu em um levantamento lexicográfico por meio do *software* IRAMUTEQ, versão 0.7, na base de dados do *SciELO*³, a partir da palavra-chave “sociologia econômica”. A coleta de dados captou todas as produções em sociologia econômica na base de dados, portanto, de 1997 a 2019.

Além dessa introdução e da conclusão, o artigo está composto de três seções: na primeira seção, oferecemos uma breve apresentação da sociologia econômica; na segunda, apresentamos uma cartografia sobre a produção da sociologia econômica no Brasil; na terceira seção, destacamos a produção de Viviana Zelizer na disciplina, para, em seguida, demonstrar a influência da autora em algumas pesquisas brasileira. Por fim, alinhavamos uma primeira síntese provisória sobre o tema.

³ “SciELO – Scientific Electronic Library Online — <http://www.scielo.br> — é uma biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico. Ela organiza e publica textos completos de revistas na Internet/Web, assim como produz e publica indicadores do seu uso e impacto. A biblioteca opera com a Metodologia SciELO, que é produto do Projeto para o Desenvolvimento de uma Metodologia para a Preparação, Armazenamento, Disseminação e Avaliação de Publicações Científicas em Formato Eletrônico, cuja primeira fase foi realizada entre fevereiro de 1997 e março de 1998. O projeto é o resultado de uma parceria entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e editores de revistas científicas, que, durante o seu desenvolvimento, recebeu o nome de Biblioteca Científica Eletrônica On-line, cuja sigla SciELO corresponde à sua versão em inglês.” (PACKER et al., 1998, p. 109)

1. SOCIOLOGIA ECONÔMICA: DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS MERCADOS À LACUNA DE GÊNERO

Existe um razoável consenso entre os sociólogos da economia, que a chamada sociologia econômica tem raízes nos clássicos das ciências sociais, tal como Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim e Georg Simmel. Todos esses autores têm como um de seus pontos comuns ressaltar o substrato social do comportamento. Particularmente, essa sociologia tem por interesse o comportamento econômico, enraizando-o em variáveis sociais, políticas e simbólicas.

Todavia, a origem da sociologia econômica no século XX é normalmente creditada às inquietações do norte-americano Harrison White (JARDIM; CAMPOS, 2012). Tal autor, munido da metodologia de análise de redes, buscou investigar a configuração social de comportamentos econômicos em *redes*. Apesar de o autor ser creditado como precursor da sociologia econômica, a institucionalização e sistematização viriam apenas com seus herdeiros acadêmicos, Marc Granovetter e Michael Schwartz. Especialmente Granovetter, inspirado não só na metodologia de análise de redes, mas no conceito de enraizamento, presente no *A Grande Transformação* (2000) de Karl Polanyi, cunhou a categoria *embeddedness*⁴, que se tornaria central na análise em sociologia econômica⁵.

Polanyi (2000) demonstrou em sua obra *A Grande Transformação* a artificialidade do arranjo econômico denominado de ‘mercado autorregulado’. Para o autor, ao excluir a solidariedade social, esse arranjo seria incapaz de garantir a coesão social e a unidade social. Portanto, conclui que aquilo que a teoria econômica convencionou chamar de ‘mercado autorregulado’, baseado na crença do desenraizamento social, do mercado como uma esfera autônoma da vida social, fora uma criação histórica, datada, formada em condições culturais específicas.

A partir dessa ideia de que os mercados autorregulados estão enraizados na história

⁴ “Granovetter (1985) argumenta que as ações dos atores sociais são condicionadas pelo seu pertencimento a redes de relações interpessoais. O mercado, portanto, não consiste num livre jogo de forças abstratas, a oferta e a procura, entre atores atomizados e anônimos, mas num conjunto de ações estreitamente imbricadas em redes concretas de relações sociais.” (RAUD-MATTEDI, 2005, p.65)

⁵ Para maiores detalhes, ver artigo recente de Jardim e Candido (2019) sobre possíveis relações entre Granovetter e Polanyi, assim como as diferenças entre seus conceitos de “enraizamento”.

e na cultura, Mark Granovetter (1985) demonstra que não só os mercados autorregulados são instituições enraizadas socialmente, mas a própria ‘ação econômica é socialmente situada’, ou seja, que toda ‘ação econômica’ está situada historicamente.

A tese do *embeddedness* de Granovetter (1985), inspirada em Max Weber e Karl Polanyi (JARDIM; CANDIDO, 2019), constitui-se na segunda metade do século XX como uma importante frente de objetivação da teoria econômica marginalista. Essa teoria tem seus primeiros registros no final do século XIX nas teses de Leon Walras, William Stanley Jevons e Carl Menger. A partir dessa fonte de interpretação econômica do mundo, funda-se uma antropologia humana que ficaria conhecida como *homo economicus*.

Segundo essa interpretação, o indivíduo busca a maximização dos lucros, se postando em uma esfera aquém à realidade social, em que se torna soberano e independente (ABRAMOVAY, 2004). Deste modo, o *homo economicus*, enquanto (GARCIA-PARPET, 2006) uma antropologia humana, orientar-se-á como um operador do mercado, de forma que se atinja a maximização da utilidade e do lucro. Ou seja, o indivíduo orientado por essa teoria colocar-se-á além das dimensões sociais, políticas e históricas da vida.

Para contrapor-se a essa teoria, a chamada sociologia econômica busca objetivar os indivíduos e suas ações através de uma metodologia empírica, que considere aspectos políticos, históricos e sociais. Contudo, Viviana Zelizer (2000) vê limites na agenda da sociologia econômica, que acaba restringindo sua agenda de pesquisa, focando suas análises em temas convencionais da teoria econômica. O que resulta, em certa medida, em um paradoxo, já que a sociologia econômica assume uma posição crítica em relação às práticas daquela teoria. Dessa forma, Zelizer (idem) reivindica a inserção do tema gênero na agenda da sociologia econômica e critica a postura dos sociólogos da economia, os quais tratam o gênero apenas como atributo individual dos agentes, não um princípio capaz de organizar a vida econômica.

Em pesquisa posterior, Viviana Zelizer (2009a), argumenta que a teoria da escolha racional tem como seu principal substrato crenças essencialistas que seccionam o mundo social em duas virtudes hierarquizadas e mutuamente excludentes em termos de gênero, como mercado e não-mercado, racional e sentimental, eficiente e pessoal e etc. Assim, “(...) assume A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

que as virtudes masculinas são as que moldam o mundo de maneira mais profunda. Às virtudes femininas, nesta perspectiva, falta seriedade e responsabilidade.” (MCCLOSKEY, 2009 apud ZELIZER, 2009a, p.239).

Com essas tomadas de posição, Zelizer assume, portanto, o protagonismo na inserção do tema de gênero na sociologia econômica, influenciando gerações ao redor do mundo. Considerando esse diagnóstico de Zelizer, assim como a nossa pesquisa lexicográfica, que mostrou uma significativa frequência de citações da autora, escolhemos para esse artigo abordar gênero e sociologia econômica a partir da mesma. Antes, porém, apresentamos um mapa geral da produção em sociologia econômica e gênero, para, em seguida, focar na contribuição da autora.

2. GÊNERO E SOCIOLOGIA ECONÔMICA: QUEM ESCREVE E O QUE ESCREVE NO BRASIL

Para mapear os autores e os temas da sociologia econômica no Brasil, utilizamos o *software* de análises textuais IRAMUTEQ⁶ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*)⁷. Tal *software* foi desenvolvido pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud em condição de *open source* sobre modelo estatístico R e linguagem *python*.

Assim, realizamos uma consulta na base de dados *SciELO* através da palavra-chave “sociologia econômica” estabelecendo dois filtros: “Coleções: Brasil” e “Idioma: Português”⁸. Desse modo, obtivemos um recorte temporal de 1997 até 2019 com 233⁹ produções científicas. No total, foram 220 artigos, 4 resenhas de livro, 4 relatos breve, 3 editoriais, 1 resumo e 1 classificado como “outros”.

⁶ Versão 0.7 Alpha 2.

⁷ A análise foi realizada em um *notebook* da marca SAMSUNG, de processador de modelo CORE i5, com 8 GB (*gigabytes*) de memória RAM e sistema operacional Windows 10 Home versão 1803 de 64 *bits*.

⁸ Com o estabelecimento desses dois filtros, foi possível mensurar a sociologia econômica, seus atores e temas, especificamente no Brasil, como objetivo desse artigo.

⁹ Dessas 233 produções, utilizamos 232 em nosso corpus empírico. Por nossos critérios, o trabalho de Ulpiano Menezes e Henrique Carneiro (1997) “A História da Alimentação: balizas historiográficas” foi excluído do *corpus* empírico. Trata-se de um artigo publicado em “Anais do Museu Paulista” com 85 páginas. Em nossa análise, por se tratar de uma metodologia quantitativa, de contagem de palavras, um arquivo com 85 páginas poderia enviar os dados.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

As revistas que mais publicaram sobre o tema foram a Revista de Economia e Sociologia Rural (66), a Revista de Sociologia e Política (45), a Revista Tempo Social (16), e a Revista Sociedade e Estado (15), conforme exposto no quadro a seguir:

Quadro I: Revistas e publicação em SE

| PERIÓDICO | <i>f</i>¹⁰ |
|---|------------------------------|
| <i>Revista de Economia e Sociologia Rural</i> | 66 |
| <i>Revista de Sociologia e Política</i> | 45 |
| <i>Tempo Social</i> | 16 |
| <i>Sociedade e Estado</i> | 15 |
| <i>Sociologias</i> | 12 |
| <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> | 11 |
| <i>Caderno CRH</i> | 10 |
| <i>Revista de Administração de Empresas</i> | 8 |
| <i>Sociologia & Antropologia</i> | 7 |
| <i>Organizações & Sociedade</i> | 5 |
| <i>Cadernos EBAPE.BR</i> | 4 |
| <i>RAE eletrônica</i> | 4 |
| <i>RAM. Revista de Administração Mackenzie</i> | 4 |
| <i>Civitas - Revista de Ciências Sociais</i> | 2 |
| <i>Dados</i> | 2 |
| <i>Novos estudos CEBRAP</i> | 2 |
| <i>Revista de Administração Contemporânea</i> | 2 |
| <i>Revista de Administração Pública</i> | 2 |
| <i>Ambiente & Sociedade</i> | 1 |
| <i>Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material</i> | 1 |

¹⁰ Frequência de publicação científica sobre a palavra chave “Sociologia Econômica” no SciELO.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

| | |
|---|------------|
| <i>Cadernos de Saúde Pública</i> | 1 |
| <i>Educação e Pesquisa</i> | 1 |
| <i>Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)</i> | 1 |
| <i>Estudos Econômicos (São Paulo)</i> | 1 |
| <i>Gestão & Produção</i> | 1 |
| <i>História da Educação</i> | 1 |
| <i>Lua Nova: Revista de Cultura e Política</i> | 1 |
| <i>Mana</i> | 1 |
| <i>Nova Economia</i> | 1 |
| <i>Physis: Revista de Saúde Coletiva</i> | 1 |
| <i>Revista Brasileira de Gestão de Negócios</i> | 1 |
| <i>Revista Estudos Feministas</i> | 1 |
| <i>Revista Katálysis</i> | 1 |
| <i>Revista de Administração (São Paulo)</i> | 1 |
| TOTAL | 233 |

Fonte: Dados da pesquisa

Tais produções científicas foram compiladas em um único arquivo compondo nosso *corpus* empírico. Com isso obtivemos um texto dividido em 43.477 segmentos (ST) e 1.543.642 ocorrências (adjetivos, formas não reconhecidas, nome próprio). Assim, obtivemos a nuvem¹¹, a seguir, das 100 palavras mais utilizadas pela Sociologia Econômica:

¹¹ “A nuvem de palavras as agrupa e as organiza graficamente em função da sua frequência. É uma análise lexical mais simples, porém graficamente bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras chave de um corpus.” (CAMARGO;JUSTO, 2013, p. 516).

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

Figura I: Nuvem das 100 palavras mais utilizadas na Sociologia Econômica

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa

Dessas, as palavras mais escritas por sociólogos/as da economia são “econômico” 6.700 vezes, “social” 6.567, “mercado” 4.905, “produção” 3.540, “empresa” 3.492, “político” 2.714, “desenvolvimento” 2.460 e “organização” 2.029. Desse *corpus*, a palavra “gênero” soma 197 referências, compondo a posição de 832 no *ranking* de palavras mais escritas na sociologia econômica. Soma-se a ela, as palavras “feminino” na posição de 1.637 e “masculino” 1.839.

Já para os cinco autores mais citados pelos sociólogos da economia, temos em primeiro lugar Pierre Bourdieu, com 593 referências, Mark Granovetter com 325, Neil Fligstein com 179 e Karl Polanyi com 134; Zelizer fica em 5º lugar na lista dos mais citados, com 96 citações, à frente de outros importantes nomes, tais como Boltanski (73), Steiner (63), Callon (33) e Lebaron (16). Como se nota, Viviana Zelizer é a única mulher nesse *hall*; é, ainda, dentre esses nomes, a única engajada no tema de gênero.

Portanto, para esse artigo, assumimos que a autora se destaca por sua intensa

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

capilaridade nos estudos sobre mercados, inserindo as variáveis gênero e intimidade como centrais na sociologia econômica. Nesse sentido, como referência na sociologia econômica e trabalhando com temas que tocam de forma direta e indireta a questão de gênero, Viviana Zelizer se tornou a maior influência (quantitativamente) em pesquisas brasileiras que relacionam gênero e mercado. Nos próximos itens, buscaremos ilustrar algumas dessas pesquisas; antes, porém, apresentamos de forma sistematizada a teoria da autora, para, em seguida, fazer as relações com as pesquisas produzidas no Brasil.

3. GÊNERO E SOCIOLOGIA ECONÔMICA: A CONTRIBUIÇÃO DE VIVIANA ZELIZER

Viviana Zelizer é uma argentina radicada nos Estados Unidos, considerada referência na sociologia econômica ao redor do mundo; isso se deve por inovar a disciplina (JARDIM; CANDIDO, 2019) com uma abordagem que valoriza as variáveis culturais e interações cotidianas. De uma forma geral, tem como preocupação central o estudo dos aspectos qualitativos das interações sociais e busca revelar os sentidos atribuídos pelos agentes historicamente constituídos nessas interações. Nessa perspectiva, vínculos sociais, morais e relações de poder são importantes para entender a ação econômica, que nem de longe seria motivada por objetivos puramente racionais. (ZELIZER, 2009a, 2011).

O fio condutor de seu pensamento é entender como as atividades econômicas afetam as relações interpessoais. Nas palavras da autora, “[t]udo começou com a minha preocupação a respeito dos modos de atribuir valor às vidas humanas” (2017, p.192). Essa primeira preocupação foi destacada em sua pesquisa sobre o surgimento do mercado de seguros de vida, no século XIX, nos Estados Unidos (1977). Na ocasião, Zelizer analisou as resistências morais à atribuição de valor econômico à vida das pessoas, considerando que os aspectos tidos como “não econômicos” foram fundamentais para a legitimação e o crescimento desse setor. Para a autora, a emergência desse mercado dependeu da mudança da opinião pública sobre a relação entre o produto e a morte, sobretudo quanto à precificação da morte e à aceitação do pensamento especulativo sobre futuros pessimistas.

Alguns anos depois, a autora estudou as alterações no valor econômico das crianças, a partir de práticas monetárias interpessoais, como o seguro de vida para crianças. Essa

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

pesquisa, de 1985, recebeu o título de *Pricing the priceless child: the changing social value of children*.

Em 1989, Zelizer passou a investigar as múltiplas formas do dinheiro, inserindo o dinheiro doméstico em sua análise sociológica. Em seu artigo *The social meaning of money: “special monies”*, mostrou a existência de “dinheiros especiais” e ofereceu os primeiros *insights* que se desdobrariam no terceiro livro da autora, *The social meaning of money* (1994). Por sua vez, esse livro aprofunda as práticas sociais que acompanharam a generalização das transações monetárias nos Estados Unidos, quando a autora pôde compreender:

[...] o paradoxo histórico pelo qual, naquele país, ao mesmo tempo que o Estado agia para conseguir instituir uma única moeda nacional, as pessoas estavam continuamente perturbando tal uniformidade monetária, criando todos os tipos de distinções monetárias (ZELIZER, et al. 2017, p. 92).

Nesse momento da sua carreira, a autora passa a fazer distinções fundamentais entre doações, pagamentos e direitos, demonstrando como as pessoas diferenciam formas de pagamentos considerando o tipo de relacionamento que possuem com as partes. Para a autora, os agentes adotam símbolos, rituais, práticas e formas fisicamente distinguíveis de dinheiro para marcar relações sociais distintas e formas de transferência monetárias (ZELIZER, 2017). Portanto, Zelizer demonstra que nem todos os dinheiros são iguais, uma vez que, no cotidiano, o dinheiro é personalizado e separado em categorias distintas; acrescenta, ainda, que dentro dos relacionamentos amorosos é frequente a demarcação do dinheiro do homem em relação ao da mulher, existindo expectativas e obrigações diferenciadas que condicionam o destino do dinheiro (ZELIZER, 2011). Com essa tese, a autora rompe com o senso comum que pressupõe o dinheiro como algo impessoal, e inaugura um conjunto de possibilidades analíticas, exploradas no livro posterior, *A negociação da intimidade*, de 2005 (ZELIZER, 2011).

Considerado um dos livros mais maduros da autora, nesse livro Zelizer argumenta sobre a relação existente entre a economia e as relações íntimas, por meio do conceito de *trabalho relacional*, que seria:

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

[...] uma combinação de certas relações com certas transações econômicas, com certos tipos de moedas, com certos significados. E a negociação entre essas quatro ou cinco (dependendo de como queiram definir) dimensões, presentes em qualquer vida econômica, é o que se destaca como interessante [...] (2017, p.199).

Segundo Zelizer, não basta simplesmente dizer que há *trabalho relacional*, é preciso demonstrar empiricamente.

O conceito de *trabalho relacional* permite aproximar “dualidades perigosas” como afeto e mercado, intimidade e economia, ao demonstrar que a vida social rotineira torna os agentes verdadeiros peritos na compra da intimidade. Com essa abordagem, Zelizer renova a sociologia econômica e insere o tema de gênero, afeto e intimidade na disciplina.

Sobre o conceito, Bandelj, ex-aluna de Zelizer, afirma (2012, *apud* JARDIM; CANDIDO, 2019), que este conceito não teve, ainda, seu potencial totalmente desenvolvido na sociologia econômica. Para que isso ocorra, segundo a autora, quatro dimensões da abordagem precisam ser aplicadas aos processos econômicos. A primeira tem a ver com a noção de intenção, que distingue a ideia de trabalho relacional de outras formas mais básicas de sociabilidade. Outra dimensão da abordagem é a da reciprocidade negociada dos processos sociais, que expressam relações de poder que são por vezes sutis, derivados da interação simbólica. A dimensão afetiva, mais amplamente explorada nas pesquisas de Zelizer, é fundamental para romper com a frieza e a racionalidade estrita da ortodoxia econômica. E, por fim, a dimensão cognitiva, associada sobretudo à construção de fronteiras simbólicas, por meio de discursos e práticas que são fundamentais na construção dos sentidos.

Por meio de diversos casos empíricos (casos de empréstimos entre pais e filhos, presentes entre namorados, disputa de herança entre filhos, pagamento de serviços sexuais e de cuidados), a autora demonstra que o dinheiro está sujeito a influências extra econômicas e a constrangimentos sociais e culturais. Acrescenta, ainda, que, além de ser uma ferramenta no mercado econômico, o dinheiro ganha significados especiais, determinados por relações de poder, papéis de gênero, relações sociais, idade ou classe social. Por fim, defende que a maneira como homens e mulheres gastam seus dinheiros influencia até mesmo a forma com que o governo e as organizações dispõem os seus

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

fundos para a efetivação de políticas públicas (ZELIZER, 2011).

Organizamos, a seguir, os principais argumentos da autora sobre a teoria das *esferas separadas*, dos *mundos hostis*, e das crenças do *nada além de*, para, em seguida, ver como essa discussão se encaixa na produção brasileira sobre gênero.

3.1 A Teoria Das *Esferas Separadas*, Dos *Mundos Hostis*, E Das Crenças Do “*Nada Além De*”

3.1.1 Teorias das esferas separadas e dos mundos hostis

Para a autora, a teoria das *esferas separadas* e dos *mundos hostis* engloba duas crenças “gêmeas” na forma de perceber as ditas esferas da economia e da intimidade. Apesar de autônomas, ou seja, de terem sido concebidas de formas diferentes, tais teorias são ‘gêmeas’ na medida em que uma completa a outra. A primeira, a das *esferas separadas*, acredita que o mundo é recortado por dois domínios. Em um primeiro domínio, reside a lógica econômica, da racionalidade instrumental, do controle e planejamento. Por outro lado, reside a esfera das emoções, dos sentimentos e da intimidade. Dessa maneira, a *teoria dos mundos hostis*, de forma complementar, afirma que essas duas esferas, da racionalidade e das emoções, são completamente incompatíveis e não podem se misturar, pois, se misturadas, uma contamina a outra.

A sua mistura, continua a teoria, contamina ambos; a invasão do mundo sentimental pela racionalidade instrumental seca-o, enquanto a introdução do sentimento nas transações racionais produz ineficiência, favoritismo, compadrio e outras formas de corrupção. Somente os mercados limpos de sentimentos podem gerar uma verdadeira eficiência. (ZELIZER, 2011, p. 30)

Segundo Zelizer (2011), para evitar a contaminação nesses opostos mundos, os agentes sociais evocariam regularmente as doutrinas de mundo hostis, visando a estabelecer ou a manter os limites entre as relações íntimas que podem ser facilmente confundidas.

Portanto, a tese de Zelizer (2009a, 2011) é de que tais teorias, *dos mundos hostis* e *das esferas separadas* são falhas; e acrescenta que essas dicotomias distorcem o modo como a economia de fato opera, pois, na prática, essas divisões dicotômicas não operam apenas no senso comum, mas, também, na vida econômica. Assim, a crença de

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

separação do mundo em dois domínios ontologicamente opostos orientaria, também, a construção social de mercados. Não obstante, para a autora (2009a, p. 240), essa crença “(...) pode ser superada, reconhecendo-se a existência de laços diferenciados que atravessam situações sociais particulares”. Ou seja, no reconhecimento de que a realidade empírica está fundada em múltiplas dimensões, tais como social, econômica, cultural, política e histórica. A manutenção de tais crenças somente cumpre o objetivo de segregar espaços, comportamentos e pessoas.

Reforçando sua tese, a autora acrescenta que o encontro entre a economia e a intimidade é mais comum na vida social do que querem as teorias econômicas *mainstream*:

Todos nós, às vezes, devoramos as notícias que trazem detalhes sobre o divórcio de um casal famoso, preocupamo-nos se certas crianças estão sofrendo com o comportamento perdulário dos pais, ficamos indignados quando alguém próximo deixa de cumprir obrigações econômicas importantes ou reclamamos de propostas de corte de financiamento de creches. Quando alguma dessas coisas acontece, entramos no território onde a atividade econômica e a intimidade se encontram. (ZELIZER, 2011).

Munida do conceito teórico de *Trabalho Relacional*, Zelizer (2011) rebate argumentos existentes na economia sobre a separação nas esferas econômicas e esfera social. Questionando a “dualidade perigosa” existente entre a racionalidade econômica e as relações pessoais, Zelizer demonstra empiricamente, como agentes interagem no espaço econômico, rompendo a fronteira das dualidades. Esse argumento é extensivamente exposto no livro *A negociação da intimidade*, a partir dos eixos do cuidado, da união e das famílias, quando a autora apresenta alguns exemplos que rompem com essas falsas fronteiras: empréstimos de pais para filhos, presentes entre namorados, cônjuges e parceiros sexuais, disputa de herança entre filhos, transferência de dinheiro entre médicos e pacientes, relações afetivo-sexuais que conjugam dinheiro e companhia e ajuda remunerada nos cuidados de uma criança, doente ou idoso.

No caso dos cuidados pagos – tema bastante explorado pela autora, não apenas no livro citado, mas em um conjunto considerável de artigos – Zelizer (2009a, 2011) argumenta que a crença dos mundos hostis e das esferas separadas criou, no caso dos

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

cuidados pagos, a crença de que ‘os cuidados’ não podem ser remunerados. Ou seja, justifica-se que uma filha não deva receber para cuidar dos pais ou que uma tia não receba por prestar assistência a um sobrinho. Assim, o cuidado não é remunerado, muito menos reconhecido. Todavia, Zelizer (2009a) argumenta que não é isso que ocorre na prática. Na prática, descobriu-se uma economia variada dos cuidados, com os mais variados laços:

A observação desses cuidados não revela duas esferas radicalmente diferentes, uma antissepticamente econômica e outra reconfortantemente sentimental. Descobrimos, ao invés, uma economia variada dos cuidados, com múltiplas combinações entre pagamento e laços de intimidade. Explicações causais dualísticas também não dão conta do que ocorre. Ao contrário dos argumentos sobre as esferas separadas, o mundo não se separa em dois processos causais contrastantes, um para cada domínio. Ao contrário do que dizem as doutrinas dos mundos hostis, o contato entre os dois tipos de atividade não faz com que um contamine inexoravelmente o outro. Como no caso das moedas locais, encontramos pessoas criando relações sociais bem delimitadas e marcadas, com distintos pagamentos, símbolos e sentidos compartilhados. (*Idem*, p. 250-251).

Por fim, utilizando-se de diversos exemplos empíricos, a autora coloca em relação dinheiro e intimidade e defende que, longe de corromper a intimidade, as pessoas regularmente mantêm seus relacionamentos íntimos com transações econômicas, causando espanto aos economistas mais ortodoxos e entusiasmo aos sociólogos da economia, que passam a se inspirar no argumento da autora.

3.1.2 Crenças do “*nada além de*”

Para Zelizer (2011), a crença em *nada além de* é baseada em três princípios: *nada além de* racionalidade econômica; *nada além de* política e *nada além de* cultura. Esses três princípios têm em comum a crença em ‘*nada além de*’ uma esfera, seja ela política, econômica ou cultural. Para as crenças do *nada além de* racionalidade econômica, há o entendimento de que toda vida social é organizada sobre o princípio do cálculo racional.

Desse modo, para aqueles que reduzem o mundo a uma racionalidade econômica, o cuidado, o amor, o afeto, a amizade e todas as outras esferas da sociabilidade humana metamorfoseiam-se em opções meramente individuais, desenraizadas, que buscam a maximização dos ganhos.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

Para Zelizer (2011), essa crença que reduz tudo ao econômico capturou até mesmo teóricos das Ciências Sociais, que acabam por reproduzir um economicismo ao afirmar a primazia do econômico sobre todas as outras particularidades da vida social.

Assim, a autora argumenta (2011, p. 37) que essa opção pelo *'nada além de'* não é capaz de prover “(...) um conjunto plausível de explicações para a variação amplamente observada em combinações de transações econômicas e relações íntimas.” Afinal, o indivíduo econômico, ou seja, o *homo economicus* é uma tentativa de performar a realidade e não de objetivá-la empiricamente.

Por meio do conceito de *trabalho relacional*, a autora defende a possibilidade de “boas combinações” para romper com o “nada além de”. Como exemplo de boa combinação, a autora sugere a relação “íntimidade e transações econômicas”, que para os economistas mais ortodoxos, fazem parte de esferas separadas. Empiricamente, a autora mostra que com “boas combinações” na vida cotidiana, os agentes resolvem seus conflitos e tomam decisões, para além das dualidades e dos mundos hostis criados pelos economistas e difundidos por seus modelos econômicos.

Com os argumentos expostos nesse item, defendemos que Zelizer tem influenciado sobremaneira a agenda de pesquisa de sociólogos da economia no Brasil, com destaque para aqueles que fazem uma “*boa combinação*” entre gênero e sociologia econômica. Para fins ilustrativos, trabalhamos com três exemplos no próximo item. Para a seleção dos pesquisadores que ilustram a discussão, considerou-se pesquisadores com algum destaque na sociologia econômica e que utilizam as três palavras-chave seguintes em seus trabalhos: “sociologia econômica”, “gênero” e “Viviana Zelizer”.

3.2 Pesquisas produzidas no Brasil: gênero e mercado

Mesmo correndo o risco de cometer equívocos, ao deixar de lado outras referências que se encaixam no critério definido acima, ilustramos os trabalhos sobre gênero na sociologia brasileira, considerando duas frentes de investigação. A primeira frente de investigação, ao estudar as crenças ‘da teoria dos mundos hostis e das esferas separadas’, produziram pesquisas acerca dos chamados mercados dos cuidados pagos¹² (*care*) (GUIMARÃES, 2016) e da

¹² Há uma inspiração desses estudos também no trabalho desenvolvido pela socióloga norte-americana Arlie Russel Hochschild sobre as babás e as mães de aluguel (2012). Todavia, tal socióloga reivindica a contribuição para uma chamada ‘Sociologia das Emoções’ (BONELLI, 2004). Assim, nosso instituto

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

economia doméstica (LEITE, 2017). Já a segunda frente de investigação, ao objetivar as crenças do “nada além de”, mensurou empiricamente o mercado dos afetos via aplicativos (JARDIM, 2019)¹³.

3.2.1 Os cuidados pagos como Trabalho

A partir do estudo das crenças dos mundos hostis e das esferas separadas nos cuidados (*care*) pagos, a pesquisadora Nadya Araújo Guimarães demonstra como se constitui esse mercado no Brasil. Sua abordagem se inicia em um questionamento sobre a sociogênese do termo: quando surge o termo cuidador/a/es/as no Brasil?

Para isso, a autora consulta o acervo do jornal Estado de São Paulo das edições publicadas de 1875 até 2014. Nessa consulta, Guimarães (2016) constata que a palavra ‘cuidado’ é integrada ao vocábulo brasileiro em meados de 1950, como uma atuação profissional masculina para promoção do bem-estar de animais. Apenas em 1990 o vocábulo emerge como a mercantilização do cuidado humano. Todavia, tal trabalho ainda continuava atrelado, predominantemente, a um trabalho masculino. Apenas em 2010 a tendência é invertida: o termo cuidadora ultrapassa o termo cuidador.

Desse modo, o cuidado (*care*) se constituiu, na segunda década do século XXI, como um trabalho predominantemente delegado às mulheres. Nesse ínterim, Guimarães *et al.* (2011) argumenta que há uma disputa para o reconhecimento do cuidado como um trabalho e não apenas uma ocupação. Assim, o reconhecimento do cuidado como trabalho remete “(...) à valorização do trabalho doméstico e do trabalho familiar como “trabalho”; em outras palavras, a associação do trabalho do *care* com uma profissão feminina deixa de ser natural” (idem, p. 156).

Desse modo, ao ressaltar a associação da mulher com o lar e o cuidado, Guimarães (idem) fornece as bases para identificar, na mesma perspectiva de Viviana Zelizer (2011), a existência de crenças essencialistas, das esferas separadas e dos mundos hostis. Assim, a crença na remuneração do trabalho do cuidado (*care*) tem como substrato a pré-noção da hostilidade e da separação entre dinheiro (mercado) e

nesse artigo é mapear apenas os trabalhos realizados em sociologia econômica para compreender os avanços realizados nessa disciplina sobre os temas de gênero.

¹³ Karina Assis e Thais Joi entraram mais recentemente na discussão; a primeira, busca entender a presença de mulheres nas empresas de *startup*; a segunda, pela perspectiva do mercado contestado, com discussões sobre mercado e prostituição.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

intimidade.

Conforme pesquisa na biblioteca Fapesp, a agenda de trabalho de Guimarães, que conjuga cuidados, trabalho, gênero, mercado de trabalho e sociologia econômica, tem possibilitado a organização de diversos *workshops* nacionais e internacionais sobre o tema, alguns em parceria com Helena Hirata, interlocutora permanente de Guimarães. Ademais, a autora tem influenciado diversas gerações de doutores no Brasil que de alguma forma dão sequência a essa discussão, como por exemplo: Maira Luisa Gonçalves de Abreu, Maria Inês Caetano Ferreira, Priscila Pereira Faria Vieira, Yumi Garcia dos Santos, Monise Fernandes Picanço e Marcel Maggion Maia¹⁴.

3.2.2 A economia doméstica como centralidade no orçamento familiar

Outro eixo temático de pesquisa que ressalta a existência de crenças das “esferas separadas e dos mundos hostis” é o da economia doméstica, que pode ser exemplificado pelo trabalho desenvolvido pela pesquisadora Elaine da Silveira Leite (2017).

Nosso levantamento bibliográfico indica que a autora flerta com o tema de gênero desde sua tese de doutoramento, quando mostra que o mundo das finanças ganha legitimidade ao atuar como um moralizador de indivíduos e famílias; ou seja, por meio de uma literatura de autoajuda que relaciona finanças e estilo de vida, as finanças tornaram-se recorrentes nos discursos de pastores, na definição de política pública, incorporando setores sociais antes excluídos desses espaços, como os pobres e as mulheres. Em estudo mais recente sobre economia doméstica, Leite argumenta sobre a existência de crenças duais e hostis, que dedicam as ações racionais aos homens, cabendo às mulheres as ações emotivas e impulsivas. Assim, a autora, tal qual Viviana Zelizer (2011), busca desmistificar essas crenças ao apontar que a economia doméstica é algo muito mais complexa, que vai além da simples prescrição de comportamentos através de crenças essencialistas.

Para tanto, Leite (2017) identifica, em suas pesquisas, um descompasso entre o que é dito pelas donas de casa e a prática cotidiana. As donas de casa, em suas entrevistas, tendiam a colocar sua contribuição ao orçamento familiar como apenas

¹⁴ Destaque para o artigo *Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação*, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100223&lng=pt&tlng=pt

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

secundária. Todavia, na prática, somando as tarefas de administração do lar, salário, trabalhos domésticos, ajudas, bônus, benefícios e revenda de produtos, essas mulheres forneciam, na prática, a maior contribuição para a economia doméstica.

Por fim, a autora (2017) objetiva como crenças duais e hostis sobre o trabalho feminino e a economia doméstica acabam por ser reproduzidas até mesmo pelas próprias donas de casa. Tais crenças afetam, assim, a percepção da importância da mulher para a economia doméstica, afastando a realidade de como se constitui na prática.

Essa agenda de pesquisa tem continuidade com seus orientandos, desde a graduação até a pós-graduação, com destaque para as seguintes pesquisas e orientações: *“De marré, marré, marré”: As percepções das crianças e os orçamentos domésticos* de Eduarda Marina Wiedemann e Meija Karoliina Ronkainen; *Moralidades sobre o dinheiro no cotidiano infantil: Os papéis de produtor, distribuidor e consumidor*, de Meija Karoliina Ronkainen; e *Entre o amor e o dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas*, de Tanise Brincker.

3.2.3 Para além da racionalização do amor: o afeto via aplicativos

Com inspiração no trabalho de Viviana Zelizer, em especial na mensuração dessa crença no *‘nada além de’*, Maria Chaves Jardim (2017, 2019) e sua equipe¹⁵ analisam, por meio de pesquisa empírica, como os estudos acerca do fenômeno dos aplicativos do afeto tem reproduzido a crença de que, nos aplicativos do afeto, há *‘nada além de’* cálculo econômico e a racionalidade instrumental.

Tal argumento é ilustrado pela tese de Eva Illouz (2011), autora para quem os aplicativos do afeto encarnam a dominação do mercado sobre a intimidade. Ainda mais, encarnam o cálculo racional e a escolha racional, por se tratar de um mercado de abundância. Assim, as escolhas de relacionamento são feitas por um cálculo de ganhos e perdas.

Entretanto, Jardim (2019) considera que os aplicativos do afeto estão para além de um modelo de afetividade mercantilizada. Desse modo, os aplicativos expressam

¹⁵ Importante ressaltar que além dessa pesquisa guarda-chuva a Maria Jardim orienta diversas pesquisas sobre o tema de gênero, das emoções e dos afetos. Destacam-se os trabalhos realizados por Lucas Flôres acerca das emoções no espaço empresarial brasileiro (processo FAPESP: 17/09805-20) e de Paulo Moura sobre o ajuste fiscal no governo Dilma (processo FAPESP: 17/09816-4).

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

crenças para além do *homo economicus*. Dito de outra forma, os usuários de aplicativos (re)significam seu uso a partir de suas referências culturais, cognitivas e emocionais. A autora afirma, ainda, que todos os padrões expostos nos aplicativos estariam em diálogo com o senso comum; nesse sentido, seriam os valores do senso comum (racismos, machismos, conceitos de belo e feio, gostos em comum) que proporcionariam o sucesso desses aplicativos. Na opinião da autora, tal (re)significação de modo algum expressa o efeito de uma racionalização meramente econômica. Na realidade, expressa a reflexividade entre as crenças sociais e os algoritmos que compõem os aplicativos. Portanto, as formas de classificação, hierarquias, valores, preconceitos e constrangimentos, socialmente criados, constituem o cerne das relações afetivas via aplicativos.

Por isso, o mercado dos afetos via aplicativos se constitui como um mercado enraizado socialmente, dotado de sentidos e significados históricos, políticos e emocionais. E para Jardim (2019), o sucesso desse mercado decorre justamente de sua construção social, sobretudo das crenças que os usuários trazem consigo para o interior do ambiente virtual de relacionamento. Em especial, a autora destaca a crença do amor romântico¹⁶ como uma importante fonte de explicação sociológica para esse fenômeno.

Por fim, em diálogo com a teoria de Zelizer (2011), Jardim (2017, 2019) constata que os aplicativos do afeto não podem ser tratados como “*nada além de*” cálculo racional, ou seja, um mero cálculo de ganhos e perdas. Haveria, nesse sentido, a orquestração das referenciais sociais e emocionais dos usuários dos aplicativos dentro do ambiente virtual. Portanto, o usuário de aplicativo de afetos não é um mero *homo economicus* performado pela mercantilização da vida, em especial pela teoria econômica *mainstream*; trata-se de um *homo sociologicus*, dotado de referenciais sociais, enraizado no social, em todas suas contradições e crenças.

¹⁶ “Sem negar que a crença do amor romântico também afeta as aspirações masculinas, escolhi trabalhar com o público feminino, já que a pesquisa de campo mostrou que este grupo explicita mais abertamente as influências sofridas pelo amor romântico.” (JARDIM, 2019, p. 4).

4. GÊNERO E SOCIOLOGIA ECONÔMICA: UMA “BOA COMBINAÇÃO”

Esse artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que busca mapear agentes, temas e influências na agenda sobre gênero na sociologia econômica. No momento, foi possível identificar apenas os principais temas da disciplina, por meio das palavras-chave; na próxima fase, iremos, por meio do *software scriptLattes*, realizar o estudo lexicográfico na base de dados *Lattes* para identificar quais autores falam sobre gênero e o que falam.

Até o momento, foi possível confirmar o protagonismo de Viviana Zelizer, tanto na sociologia econômica, quanto nos estudos de gênero, já que na base de dados *SciELO* a pesquisadora está entre os cinco autores mais citados na sociologia econômica produzida no Brasil. Foi possível demonstrar, também, que o tema gênero apresenta relevância, com uma frequência de 197 aparições na base de dados consultada. Nesse sentido, é inegável que o tema foi, em alguma medida, incorporado pela agenda da sociologia econômica, distanciando-se do diagnóstico de Swedberg em 2004.

Apesar disso, é importante reconhecer que o tema não chega a ser prioridade para os sociólogos da economia. Como já dito, pela abordagem quantitativa, a palavra gênero figura na posição de 834 no *ranking* de palavras mais escritas na sociologia econômica; portanto, em comparação com a agenda mais *mainstream* (expressa em nossa pesquisa pelas palavras-chave: economia, econômico, social, estado, mercado, política, desenvolvimento), o tema continua em defasagem.

Por outro lado, quando encaramos o problema a partir da abordagem qualitativa, percebemos diálogos férteis e promissores na disciplina, como mostram as pesquisas selecionadas para ilustrar esse artigo: Guimarães (2016), Leite (2017) e Jardim (2019).

Com inspiração na obra de Viviana Zelizer, essas autoras evocam experiências empíricas que passam despercebidas pelas análises econômicas. Com “boas combinações” – dinheiro e cuidado, afeto e aplicativo, orçamento doméstico e família –, as autoras operacionalizam o ferramental analítico herdado de Zelizer, dando uma certa identidade para as discussões de gênero e sociologia econômica no Brasil, a saber, uma releitura da clássica discussão já existente na disciplina sobre construção social dos

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

mercados.

Após assumir a relação gênero, sociologia econômica e construção social dos mercados como uma possível identidade na produção da sociologia econômica do Brasil, destacamos um outro ramo teórico-empírico que nos parece um espaço a ser explorado e ocupado por essa disciplina: a relação gênero, sociologia econômica e política pública. Nessa perspectiva, citamos as contribuições de Géssika Cecília Carvalho Silva (2015) e Antonia Celene Miguel (2015), autoras que buscam pensar o Programa Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco (PTM) e o Programa Microcrédito do governo Lula, respectivamente. De formas distintas, ambas demonstram a variável gênero como protagonista na política pública dos anos 2000, sinalizando para mudanças materiais e simbólicas nas vidas das mulheres beneficiadas com estes programas.

Sobre autores que trabalham em áreas fronteiriças com a sociologia econômica, cabe uma última justificativa: apesar de reconhecermos a inegável contribuição das economistas Carolina Leme e Simone Wajnman (LEME; WAJNMAN, 2000), as quais, a partir da demografia econômica, têm demonstrado (e denunciado), desde os anos 2000, as diferenças salariais entre gêneros, em diálogo muito próximo com a sociologia econômica, em função da nossa metodologia, não iremos destacar seus argumentos nesse artigo. Igualmente, apesar da farta produção sobre gênero na sociologia do trabalho, como o trabalho de Helena Hirata (2009), os autores dessa disciplina não foram cotejados nesse artigo.

Dito isso, retomamos os três casos ilustrados nesse artigo para pontuar distinções entre as autoras tratadas. Primeiramente, sublinhamos que a produção intelectual de Guimarães (2016) tem em trabalho e gênero suas principais variáveis, o que vem desde sua contribuição na sociologia do trabalho, nos anos 1990. Por outro lado, Leite (2017) e Jardim (2017, 2019) são herdeiras do NESEFI-UFSCar, grupo de sociologia econômica e das finanças liderado por Roberto Grün; apesar do interesse pelo tema, nessas autoras, gênero aparece como uma variável dentro de temas mais amplos, como finanças, política, organização.

Uma segunda distinção diz respeito à geração: enquanto Nadya Guimarães é uma referência consolidada na sociologia brasileira, as demais autoras concluíram o

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

doutorado e ingressaram como docentes em universidades mais recentemente, há menos de dez anos. Portanto, é muito cedo para dizer se o tema de gênero continuará como variável complementar em suas agendas. Se levarmos em conta suas agendas de pesquisa, as expectativas são promissoras, com destaque para as pesquisas de seus orientandos, nas quais gênero aparece de forma mais central, como a de Lucas Flôres Vasques (2019) sobre executivas e emoções (FLÔRES, 2019) e de Ronkainen (2018), sobre a percepção das crianças acerca de orçamento doméstico.

Nesse sentido, apesar da defasagem já citada em relação ao tema de gênero e a agenda mais *mainstream* da disciplina, não podemos negar um certo otimismo ao olharmos para a qualidade da produção realizada e as expectativas criadas por esta.

Por fim, assim como fizeram Swedberg (2004), Zelizer (2009) e England e Folbre (2005), que reivindicaram o engajamento de sociólogos da economia no tema de gênero, em alguma medida, este também é o objetivo desse artigo, já que buscamos sensibilizar pesquisadores em sociologia econômica sobre a importância de inserir o tema de gênero em suas agendas, criando um marcador simbólico na geração vindoura de sociólogos da economia.

CONCLUSÃO

Richard Swedberg (2004) apontou que havia uma lacuna em relação ao gênero na sociologia econômica, justificada, em parte, pela predominância masculina na disciplina, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Quinze anos após essa afirmação, identificamos, no Brasil, um real enfrentamento dessa lacuna. O artigo ilustrou esse engajamento através dos trabalhos de três pesquisadoras: Nadya Araújo Guimarães, Elaine da Silveira Leite e Maria Jardim.

Nesse processo, o artigo destacou o papel de Viviana Zelizer que, com sua agenda de vanguarda, tem sido uma influência ao redor do mundo nos últimos anos, guiando a sociologia econômica para uma “boa combinação” que coloca em relação “gênero e sociologia econômica”.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim;
Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

Por meio de pesquisa lexicográfica e revisão bibliográfica, nosso objetivo nesse artigo foi demonstrar alguns dos avanços na inserção do tema na agenda de pesquisa da sociologia econômica, especialmente no Brasil.

Acreditamos na importância da sensibilização para a temática, afinal de contas, integrar o tema de gênero à agenda de pesquisa da sociologia econômica corresponde a enfrentar as desigualdades e tensões que dele emanam, sejam elas na ordem dos corpos ou das mentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 35-64, nov. 2004.

CAMARGO, B.; JUSTO, A. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n.2, 2013.

ENGLAND, P.; FOLBRE, N. Gender and Economy. In SWEDBERG, R. SMELSER, N. **The Handbook of Economic Sociology**. New Jersey: Princeton University Press. 2005.

GARCIA-PARPET, M. "A gênese social do homo-economicus: a Argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu." **Mana**. 12.2 (2006): 333-357.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, n. 90, 1985.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Casa mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. **Cadernos Pagu**, n.46, p. 107-128, jan./abr. 2016.

GUMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de *care* no Brasil, França e Japão. **Sociologia & antropologia**, v.1, n.1, jan./Jun. 2011.

GUIMARÃES, N. et al. A negociação da Intimidade, dez anos depois. Entrevista com Viviana Zelizer. **Tempo Social**, v.29, n. 1, p. 191-209, 2017.

FLÔRES, L. **As emoções da mulher executiva na doxa empresarial brasileira**. Monografia (graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara. 2019, No prelo.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

HIRATA, H. Globalização, Trabalho e Gênero. **Revista Políticas Públicas**, v. 9, n. 1, p.111-128, jul. /dez. 2005.

ILLOUZ, E. **Amor nos tempos e Capitalismo**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro. 2011
JARDIM, M; CANDIDO, Silvio. A sociologia econômica nos Estados Unidos: principais autores, conceitos e debates. **Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais-BIB**, São Paulo, n. 88, p. 1-23, 2019.

JARDIM, M; CAMPOS, R. A Construção social dos mercados e a crítica da Ciência Econômica. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 2, jan./jul. 2012.

JARDIM, M; MOURA, P. Aplicativos, afetos e emoções: a construção social do mercado de aplicativos. **Revista TOMO**, n. 30, jan./jun. 2017.

JARDIM, M. Para além da fórmula do amor. **Revista Política e Cultura**. Universidade Federal de Santa Catarina (2019, no prelo).

LEITE, E. De dispositivo de prescrição às racionalidades cotidianas: o orçamento doméstico e familiar no Brasil. **Revista TOMO**, n. 30, jan./jun. 2017

LEME, Maria Carolina da Silva; WAJNMAN, Simone. "Tendências de coorte nos diferenciais de rendimento por sexo". In: HENRIQUES, Ricardo (Org.). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, p. 251-270.

MAIA, Marcel. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. **Cad. Pagu**, n.46, jan./abr. 2016.

MIGUEL, Antonia Celene. **Familismo, Maternalismo e Políticas Sociais: o caso da política nacional de microcrédito do governo Lula**. 2015. 299 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PACKER, A. et al. SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 27, n. 2, p. 109-121, maio/ago. 1998.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

RAUD-MATTEDI, C. Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. **Revista Política e Sociedade**, n.6, p. 59 – 82, abr. 2005.

RONKAINEN, Meija Karoliina. **Moralidades sobre o dinheiro no cotidiano infantil: Os papéis de produtor, distribuidor e consumidor**. 2018. 159 f. Dissertação

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

(Mestrado), Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SILVA, Géssika Cecília Carvalho da. **Eu quero, eu posso?:** implementação e efetividade de políticas públicas: um estudo do Programa Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. 2015. 212 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SIMMEL, Georg. “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal.”. In: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. Subjective Culture. In: **On Individuality and Social Forms**. Chicago. The University of Chicago Press., 1971.

SWEDBERG, R. Sociologia econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 7-34, nov. 2004.

VEBLEN, T. Why is economics not an evolutionary science? **The Quarterly Journal of Economics**, v. 12, n. 4, p. 373-397, jul. 1898.

VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa:** um estudo econômico das instituições. São Paulo: Nova Cultural, 1899.

ZELIZER, V. A gendered division of, Economic Sociology. **European Electronic Newsletter**, ISSN 1871-3351, v. 1, Iss. 3, p. 2-5, 2000.

_____, “Enter culture”. In: GUILLEN, Mauro et al. (eds.). **The new economic sociology**. Nova York, Russell Sage Foundation, p. 101-125, 2002.

_____. Dualidades perigosas. **Mana**, v.15, n.1, p.237-256, 2009a.

_____. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, n. 32, p. 135-157, 2009b.

_____. **A negociação da intimidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. A. **The social meaning of money**. Princeton University Press, 2017.

_____. Guimarães, N. A., Vereta-Nahoum, A., Neiburg, F., & Freire-Medeiros, B. (2017). A negociação da intimidade, dez anos depois: Entrevista com Viviana Zelizer. **Tempo Social**, 29(1), 190-209.

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim; Lucas Flôres Vasques – p. 122-149

| |
|--|
| Recebido em: 15/05/2019 Aprovado em: 24/07/2019 |
|--|

A “boa combinação” entre gênero e sociologia econômica – Maria Chaves Jardim;
Lucas Flôres Vasques – p. 122-149